

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ADRIANA ANDRÉA SILVEIRA DE ESPINDOLA

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO
INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

FLORIANÓPOLIS

2013

ADRIANA ANDRÉA SILVEIRA DE ESPINDOLA

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO
INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Ensaio com base em pesquisa bibliográfica, procurando pensar os limites e possibilidades do planejamento interdisciplinar na educação integral, apresentado para obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação Integral junto a Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof.^a Ilana Laterman

FLORIANÓPOLIS

2013

SUMÁRIO

RESUMO	04
1. LIMITES E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL	05
1.1 INTRODUÇÃO	05
1.2 JUSTIFICATIVA	07
2 DESENVOLVIMENTO	09
2.1 O QUE É INTERDISCIPLINARIDADE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA CRIANÇAS DE 6 A 10 ANOS	09
2.2 COMO FAZER AS PROPOSTAS METODOLÓGICAS	15
2.3 LIMITES E POSSIBILIDADES DESTA METODOLOGIA E DESTA CONCEPÇÃO FRENTE À EDUCAÇÃO ESCOLAR	21
3 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS	28

Resumo:

O presente ensaio contempla compreender a interdisciplinaridade de forma plural à luz da proposta pedagógica de linguagem entrelaçada à educação integral como metodologia para ensinar-aprender no processo educativo do contexto escolar. Para ilustrar como essa proposta é viabilizada nos anos iniciais do ensino fundamental, em limites e possibilidades do planejamento interdisciplinar na educação integral, apresenta-se conceitos de educação integral e interdisciplinaridade, algumas sugestões estruturais de organização de um projeto de educação integral interdisciplinar e os limites e possibilidades desta metodologia.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação Integral. Projeto. Organização. Processo educativo.

1 LIMITES E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL

1.1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará os limites e as possibilidades do planejamento interdisciplinar na educação integral, para os anos iniciais do ensino fundamental. Assim far-se-á algumas delimitações da legislação vigente no Brasil.

A Educação Integral está presente na legislação educacional brasileira e pode ser apreendida em nossa Constituição Federal, nos artigos 205, 206 e 227; no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 9089/1990); na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/1996), nos artigos 34 e 87; no Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.179/01) e no Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico e de Valorização do Magistério (Lei nº 11.494/2007). (BRASIL, 2012, p. 3)

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, nº 9394/1996, e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 abriram a possibilidade para uma maior flexibilização dos conteúdos a serem desenvolvidos, estruturados pelos princípios pedagógicos da interdisciplinaridade, da contextualização, da identidade, da diversidade e autonomia, possibilitando uma redefinição quanto a organização de conteúdos, assim far-se-á essa ligação entre a interdisciplinaridade e a educação integral

O presente ensaio tem por objetivo discutir, refletir e socializar o que se tem em discussão no Brasil sobre o tema, as vivências educativas com base no currículo presente nas escolas dos anos iniciais do ensino fundamental, que busca atualmente como uma das suas diretrizes, promover a interdisciplinaridade entre as várias áreas que o compõe. Inicialmente apresenta-se uma contextualização da temática resultante da junção da educação integral e a prática interdisciplinar.

Logo em seguida apresentar-se-á algumas reflexões sobre os elos entre o currículo e a prática interdisciplinar, tecendo-se algumas sugestões e dicas, baseadas de alguns autores, com base nos estudos sobre os temas em discussão, autores estes, que trazem suas contribuições neste campo. Prosseguindo, apresenta-se considerações sobre o fazer interdisciplinar e os seus pressupostos, o que se pode apresentar como facilidades e entraves destes temas.

Por fim, apresentam-se algumas considerações finais sobre a experiência interdisciplinar, tendo por base os a contribuição dos autores e as discussões apresentadas. Desse modo, a partir das discussões e reflexões aqui tecidas com os autores e autoras que debatem acerca da interdisciplinaridade, este texto procura trazer contribuições, comentários e reflexões sobre o fazer interdisciplinar na educação integral.

1.2 JUSTIFICATIVA

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN/1996, a Educação Integral é o aumento progressivo da jornada escolar, valorizando as iniciativas educacionais desenvolvidas fora do espaço escolar e a vinculação entre o trabalho escolar e a vida em sociedade.

O ideal da Educação Integral traduz a compreensão do direito de aprender como inerente à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária e como condição para o próprio desenvolvimento de uma sociedade republicana e democrática. Por meio da Educação Integral, se reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. (BRASIL, 2010, p. 5)

Assim, considerando que a educação integral prevê a necessidade de 7 a 8 horas diárias de jornada escolar, para que o currículo contribua de forma eficaz na formação do aluno, deve contar com a interdisciplinaridade, que fornece maior flexibilidade entre as disciplinas.

A integração de atividades curriculares da base comum, (língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia) com as atividades educativas diferenciadas (educação física/desportos, atividades artísticas, temas transversais, ensino religioso, língua estrangeira moderna, complementação de conteúdos, reforço escolar), representa a melhor alternativa para uma educação integral de qualidade.

Nas palavras de Gusdorf (1978, p. 13), "quanto mais se desenvolvem as disciplinas do conhecimento, diversificando-se, mais elas perdem o contato com a realidade humana". Ou seja, através da interdisciplinaridade, se promove um diálogo maior entre o saber científico e o senso comum.

Lenoir (2001, p. 64) diz que é inviável "querer ensinar os conhecimentos escolares segundo trabalhos disciplinares e proceder ao estabelecimento de uma separação entre as didáticas [o que seria] contestar o funcionamento cognitivo da criança, senão de todo ser humano".

Todo ser humano não trata os conhecimentos de forma linear, tudo o que se aprende faz ligações com o que já se sabe, isto é o que provoca aprendizagem, estas ligações é provocam a formulação de hipóteses de conclusões e resoluções de problemas.

Contudo, de acordo com Lima e Teixeira (2012, n. p.):

O modo de trabalho interdisciplinar exige do professor e do aluno um aprofundamento no conhecimento disciplinar, ao mesmo tempo que exige uma habilidade para dialogar e construir com outros campos disciplinares. Um trabalho sempre mediado por um problema que não é particular de uma disciplina, mas comum a muitas ou a todas.

Ou seja, em que tese seus benefícios são evidentes, mesmo após período de experimentação, a interdisciplinaridade ainda não conseguiu se firmar como prática efetiva na educação básica brasileira, razão pela qual é extremamente relevante estudar os limites e as possibilidades de sua inserção na educação integral, que também ainda é um experimento no Brasil.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O QUE É INTERDISCIPLINARIDADE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA CRIANÇAS DE 6 A 10 ANOS

Na Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71, a interdisciplinaridade já começou a ser abordada no Brasil, este assunto está presente constantemente no cenário educacional brasileiro e cada vez mais tem se tornado presente, com a nova LDB Nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Além da sua grande influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática de professores e que neste trabalho abordar-se-á junto ao tema educação integral para que se possa entender a proposta de trabalho interdisciplinar na escola com esta proposta de trabalho integral com os alunos de 6 a 10 anos.

A ideia de educação integral cresceu como uma espécie de contraponto, no interior do processo expansionista do sistema escolar público. O desafio da expansão esteve, inicialmente, associado estritamente à alfabetização. Tratava-se de alfabetizar em massa os brasileiros, de torná-los cidadãos através do acesso à leitura e à escrita. (CAVALIERE, 2009, P.4)

Na Lei do FUNDEB nº 11.494, de 20 de junho de 2007, determina-se e regulamenta-se a educação básica em tempo integral e os anos iniciais e finais do ensino fundamental (art.10, § 3º), indicando que a legislação decorrente deverá normatizar essa modalidade de educação. O decreto nº 6.253/07, ao ostentar o que ficou estabelecido no Plano Nacional de Educação, definiu que se considera “educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total que um mesmo estudante permanece na escola ou em atividades escolares” (art. 4º).

A Educação Integral também está prevista no Plano de Desenvolvimento da Educação, o qual antecipa que a formação dos estudantes seja feita, além dos portões da escola, com a participação da comunidade e da família fundamentalmente. Esta organização curricular, na perspectiva da Educação Integral, é uma estratégia do Ministério da Educação para levar à ampliação da jornada escolar, com ações na área da cultura, do esporte, dos direitos humanos e do desenvolvimento social.

O Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (Decreto nº 6.094/07) ao qual o objetivo é lançar várias medidas específicas que apontem a melhoria da qualidade da educação básica. Assim, este compromisso significa a junção dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, atuando em regime de coparticipação, das famílias e da comunidade, em proveito da melhoria da qualidade da educação básica.

As bases sobre as quais se formulou a concepção atual de educação integral são, resumidamente, o entendimento de que educação é vida e não preparação para a vida; o entendimento de que as demais instituições sociais perderam parte de suas capacidades educativas, que devem então ser supridas pela escola; e a busca da escola verdadeiramente “comum”, isto é, democrática. (CAVALIERE, 2009)

Visto a legislação educacional em relação à educação integral, considera-se um papel crítico-emancipatório para a educação, estimulando-se gradativamente a autonomia dos educandos em sua formação como cidadãos. O projeto que se encontra em implementação pelo Governo Federal, a educação integral engloba a ampliação da jornada escolar, em dois turnos, com ampliação também das atividades curriculares, que passam a se compor de outros macrocampos de atividades, como: Acompanhamento Pedagógico; Meio Ambiente; Esporte e Lazer; Direitos Humanos em Educação; Cultura e Artes; Cultura Digital; Promoção da Saúde; Educomunicação; Investigação no Campo das Ciências da Natureza; Educação Econômica, oficinas de esporte, ginástica, xadrez, artes manuais.

Entretanto, as estratégias de implementação visando atingir os objetivos podem ser de diversos tipos: como ações junto às Secretarias Municipais de Educação, tendo como meta a adoção de condições de trabalho e estudo aos profissionais, professores, técnicos de educação, pedagogos e estagiários, e o que não pode ser esquecido é a implementação de Programa de Formação Continuada dos Professores.

Assim, cada rede de ensino pode adotar as estratégias de implementação que achar melhor e que alcance maiores resultados, porém o que se discute aqui é a junção da educação integral e a interdisciplinaridade, postulando a importância desse trabalho baseado nessa metodologia.

A interdisciplinaridade é uma das propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, como forma de desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento, ela contribui para o aprendizado do aluno (BRASIL, 1998), porém adotar a metodologia interdisciplinar não é óbvio, pelo contrário, exige uma atitude intencional dos professores, como explica Fazenda,

(...) Uma primeira questão, encontrada em todos os teóricos pesquisados, é a necessidade de superação da dicotomia ciência/existência, no trato da interdisciplinaridade. Isso nos leva a pensar que qualquer atividade interdisciplinar, seja ela de ensino seja de pesquisa, requer uma imersão teórica nas discussões epistemológicas mais fundamentais e atuais, pois a questão de interdisciplinaridade envolve uma reflexão profunda sobre os impasses vividos pela ciência atualmente. (2000, p.14)

A interação entre as disciplinas e as áreas do conhecimento, é uma maneira complementar ou suplementar que possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo, saber esse que deve ser valorizado cada vez no processo de ensino aprendizagem, nessa perspectiva, que surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas, proporciona-se um diálogo entre estas, relacionando-as entre si para a compreensão da realidade. A interdisciplinaridade busca relacionar as disciplinas no momento de enfrentar temas de estudo, assim é possível a interação entre disciplinas aparentemente distintas.

Os Temas Transversais, referentes ao 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, trazem expressamente a interdisciplinaridade (BRASIL, 1998, p. 30):

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu.

Segundo Libâneo (1994), o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos, ou seja, o professor dirige o estudo das matérias e assim, os alunos atingem progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. É importante ressaltar que as formas de direção do processo de ensino necessitam do conhecimento dos princípios e diretrizes, métodos, procedimentos e outras formas organizacionais, saindo do fazer tradicional da sala de aula, e neste caso, da educação integral fora dela também.

Segundo Santomé (1998, p. 63) a interdisciplinaridade:

Implica em uma vontade e compromisso de elaborar um contexto mais geral, no qual cada uma das disciplinas em contato são por sua vez modificadas e passam a depender claramente uma das outras. Aqui se estabelece uma interação entre duas ou mais disciplinas, o que resultará em intercomunicação e enriquecimento recíproco e, conseqüentemente, em uma transformação de suas metodologias de pesquisa, em uma modificação de conceitos, de terminologias fundamentais, etc. Entre as diferentes matérias ocorrem intercâmbios mútuos e recíprocas integrações; existe um equilíbrio de forças nas relações estabelecidas.

A atividade interdisciplinar constitui um motor de transformação capaz de restituir vida às nossas instituições de ensino. Para tanto, apresentam-se alguns obstáculos que necessitam ser superados. Como a rotina; a rigidez das estruturas mentais; o positivismo anacrônico que, preso a um ensino dogmático, encontra-se à míngua da fundamentação teórica; a mentalidade esclerosada de um aprendizado apenas por entesouramento; o enfeudamento das instituições; o carreirismo buscado sem competência; a ausência de crítica dos saberes fragmentados, etc. Todavia, o interdisciplinar deve responder a certas exigências: a criação de uma nova inteligência e de uma razão aberta, capazes de formar uma nova espécie de cientistas e de educadores, utilizando uma pedagogia nova, etc. (Japiassu, 1995)

Isto implica na articulação de ações disciplinares que buscam um interesse em comum. Assim, a interdisciplinaridade só será eficaz se for uma maneira eficiente de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos atores da unidade escolar, para isso é necessário um acompanhamento sistemático da coordenação do programa e da unidade escolar.

Necessita-se alcançar nova postura diante do conhecimento, pois a interdisciplinaridade solicita uma mudança de atitude em busca do contexto do conhecimento, em busca do ser como pessoa integral. Ela visa garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com os limites das disciplinas, o que para muitos profissionais não é nada fácil, pois a ideia de que cada disciplina pode ser tratada separadamente está tão presente que será difícil romper esse paradigma.

Todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode acontecer de diversas formas, através de questionamentos, de confirmações, de complementações, de negações, de ampliações, de iluminação de aspectos não distinguidos, assim, verifica-se ainda que muitas disciplinas se aproximam e se identificam, enquanto outras se diferenciam e se afastam, dependendo dos aspectos que se pretende conhecer. Assim,

pode significar uma estratégia de flexibilização e integração das disciplinas, nos domínios do ensino e da produção de conhecimentos novos, da pesquisa, de outro lado, ela pode tornar-se um mal-entendido, especialmente quando é assumida como uma meta ou solução absoluta e autônoma, anulando totalmente a existência das disciplinas. Na realidade, a verdadeira interdisciplinaridade é uma defesa das disciplinas e não sua eliminação. Ela pode oferecer a compreensão, o limite e a função exata e adequada das disciplinas. (PAVIANI, 2008, p. 7-8)

Nessa perspectiva se exige uma postura do professor que vai além do que está descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois é necessário que ele assuma uma atitude interna e que se faça uso de metodologias didáticas adequadas e até então desconhecidas para muitos. Através do ensino interdisciplinar, dentro do aspecto histórico-crítico, que os professores possibilitarão aos seus alunos uma aprendizagem eficaz na compreensão da realidade em sua complexidade, e isso sendo agregado à educação integral, na perspectiva dessas novas atividades, será de extrema importância.

A interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas e ao mesmo tempo evitar a diluição das mesmas em generalidades. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar as disciplinas em atividades ou projetos de estudos, pesquisa e ação, que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didática adequada aos objetivos do ensino. (BRASIL, 2000)

A adoção de princípios da interdisciplinaridade agregados à educação integral necessita entre outras coisas de responsabilidade e muita criatividade, pois em todas as áreas da atividade humana há criação, desde que se considere que criar é produzir algo original, como nova síntese das relações entre elementos já existentes e outros novos. O educador é por natureza criativo, na maioria das vezes dotado para produzir algo original, único, pessoal, em algum domínio do seu conhecimento.

A Interdisciplinaridade tem uma perspectiva onde o conhecimento está voltado para as necessidades reais das crianças, à medida que reúne elementos para a análise da realidade dos problemas, das contradições e possibilidades de superá-los.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. (BRASIL, 2002, p. 88-89)

Para alcançar a superação das dificuldades, torna-se necessário a contribuição de diversas áreas do conhecimento, com o desenvolvimento da consciência crítica, uma elaboração do saber que privilegie conteúdos abertos que possibilitem a novas formas de aprendizagem.

Interdisciplinaridade não é uma marca, mas é o ponto de encontro entre o momento de renovação da atitude frente aos problemas de ensino, pesquisa e a aceleração do

conhecimento científico. Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, usando um enriquecimento mútuo, assim, o trabalho interdisciplinar, cria condições para o desenvolvimento de uma consciência reflexiva com a capacidade de estabelecer relações entre ideias, elaboração, assimilação e socialização do conhecimento significativo para a vida real.

Eis um grande desafio, nesse sentido, um dos caminhos a ser seguido pelo professor é o trabalho numa perspectiva interdisciplinar, integrando as várias disciplinas que compõem o currículo escolar, agregando disciplinas do turno integral, mostrando aos alunos que não existe fronteira entre as disciplinas, mas que uma perpassa pela outra, complementando-a. Para Câmara (1999, p.15),

A interdisciplinaridade deve ser pensada como entre ciências, por um lado, considerando o território de cada uma delas e, ao mesmo tempo, identificando possíveis áreas que possam se entrecruzar, buscando as conexões possíveis. E essa busca se realiza por meio de um processo dialógico que permite novas interpretações, mudança de visão, avaliação crítica de pressupostos, um aprender com o outro, uma nova reorganização do pensar e do fazer.

Quando se fala do ensino regular e da educação integral, sabemos que os currículos das disciplinas tradicionais, da forma como vem sendo desenvolvidas, e como acontece o turno integral, juntos oferecem aos alunos, apenas um acúmulo de informações pouco ou nada relevantes para sua vida deles, principalmente porque o desenvolvimento tecnológico atual é de tal diversidade que se torna impossível processar com velocidade adequada, a esperada sistematização que a vida requer.

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. (BRASIL, 2002, p. 88-89)

Historicamente uma transmissão fragmentada do saber, principalmente o que é desenvolvida pela educação escolar contemporânea, a interdisciplinaridade busca uma nova concepção de aprendizagem, baseada na interferência entre os diversos ramos do conhecimento de forma interrogativa, questionadora e inventiva, favorecendo assim todo o processo criador e gerador de novos conhecimentos.

Todos ganham com a interdisciplinaridade, primeiramente pelo conhecimento recuperar sua totalidade e complexidade, os professores ganham pela necessidade de melhorarem sua interação com os outros profissionais da escola, repensando sua prática

docente, os alunos também ganham por estarem em contato com o trabalho em grupo, tendo o processo ensino aprendizagem voltado para compreensão do mundo que os cerca e por fim a instituição, que tem na sua proposta pedagógica o reflexo a todos os instantes de aprendizagem e angariam vários parceiros na comunidade escolar, porque o entendimento do mundo que cerca os alunos, parte do princípio de se ouvir a comunidade.

A interdisciplinaridade integrada à prática docente o desenvolvimento de competências e habilidades, promovendo assim, um maior envolvimento dos alunos, a mobilização da comunidade escolar, todos em torno de objetivos educacionais mais amplos, que colaboram em muito do processo ensino aprendizagem.

Um trabalho interdisciplinar, antes de garantir associação temática entre diferentes disciplinas – ação possível mas não imprescindível –, deve buscar unidade em termos de prática docente, ou seja, independentemente dos temas/assuntos tratados em cada disciplina isoladamente. Em nossa proposta, essa prática docente comum está centrada no trabalho permanentemente voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, apoiado na associação ensino–pesquisa e no trabalho com diferentes fontes expressas em diferentes linguagens, que comportem diferentes interpretações sobre os temas/assuntos trabalhados em sala de aula. Portanto, esses são os fatores que dão unidade ao trabalho das diferentes disciplinas, e não a associação das mesmas em torno de temas supostamente comuns a todas elas. (BRASIL, 2002b, p. 21-22)

Portanto, a interdisciplinaridade e na escola de educação integral, vem complementar as disciplinas, criando no conceito de conhecimento uma visão de totalidade, onde os alunos possam perceber que o mundo onde estão inseridos é composto de vários fatores, e que a soma de todos formam uma rede de aprendizagem.

2.2 COMO FAZER AS PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Contemporaneamente, devido às diversas mudanças na sociedade e as suas novas exigências principalmente na área da tecnologia e de um conhecimento globalizado, vivencia-se uma crise profunda na escola, porque esta não conseguiu acompanhar as referidas mudanças, mantendo-se basicamente na mesma estrutura e nas mesmas práticas de anos atrás, onde não se tinha acesso à tecnologia, à internet, aos meios de comunicação de uma forma tão aberta. Hoje ainda, a fragmentação do conhecimento escolar se apresenta em uma matriz curricular por disciplinas, que não corresponde a essas novas necessidades, pois dificulta ao

aluno a apropriação do conhecimento e a construção de uma visão contextualizada que lhe permita uma percepção crítica da realidade que o cerca, que o espera fora desta escola.

Frente à educação bancária que nos cerca, Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do oprimido* afirma:

Deste modo, o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos em diálogo com o educador, investigador crítico também. Na medida em que o educador apresenta aos educandos, como objeto de sua "ad-miração", o qualquer que ele seja, do estudo a ser feito, "re-ad-mira" a "ad-miração" que antes fez, na "ad-miração" que fazem os educandos. Pelo fato mesmo de esta prática educativa constituir-se em uma situação gnisiológica, o papel do educador problematizador é proporcionar, com os educandos, as condições em que se de a superação do conhecimento no nível da "doxa" pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do "logos". Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade. (2005, p.80)

A todo o momento nossas habilidades como educadores, como instituição de ensino estão sendo testadas, pois os saberes dos alunos, os acessos às tecnologias estão cada vez mais presentes na vida deles, e todos os profissionais da educação são desafiados a lidar com essas circunstâncias, o que se leva a pensar em mudanças de postura de didática de formas de trabalhar com esses alunos, porém é necessário que esteja-se preparado e que se aceite essas mudanças.

Com a crescente globalização, as mudanças em curso se disseminam por todas as sociedades ocidentais e mesmo orientais. Por isso, torna-se cada vez mais importante a descoberta mútua, o compartilhamento de experiências e as ressonâncias comuns que se refletem sobre os processos de socialização e aprendizagem. A construção da identidade que tradicionalmente ocorria através da integração num contexto de tradições e valores estáveis e fixos torna-se cada vez mais fragmentária e dispersa. O que antes era uma trajetória natural e direta para o interior de uma tradição, hoje se apresenta como uma encruzilhada de múltiplas alternativas. (GOERGEN, 2009, p. 5)

Perante essa situação, surge a necessidade de refletir sobre a metodologia usada hoje nas escolas, procurando novas formas de aprimorá-la, superando os problemas e atendendo as Diretrizes Curriculares Nacionais colocadas. Essas diretrizes direcionam para um ensino contextualizado, que leve a uma reflexão crítica das estruturas sociais e das desigualdades que fazem parte dessa sociedade.

Porém toda mudança de paradigma significa uma revolução no modo de produzir, de pensar, de viver, aceitando a ideia de que vivemos em uma nova sociedade, na sociedade do conhecimento, implica em repensar-se a educação, em como ela estava sendo constituída. E para se conseguir fazer esta transformação, o primeiro passo é mudar a maneira de ver e estar no mundo. Precisa-se abandonar a concepção cartesiana e compartimentada de lidar com a realidade que se está acostumado, pois esta realidade já não serve mais.

Dentro dessa mudança estão a criatividade e inovação, porque se anteriormente a competição era a mola propulsora do desenvolvimento, hoje a colaboração assume papel preponderante, porque entre os atores da escola não podemos tratar das disciplinas e quaisquer que sejam as ações separadamente, como se estivessem em “caixinhas” do conhecimento. Se no mundo fora da escola, como nas empresas, onde o ambiente de trabalho é competitivo e intolerante ao erro, como nossos alunos estarão preparados para sobreviver? Precisam estar ligados e atentos a tudo que acontece, e ter habilidade em fazer ligações e conexões entre os saberes. Sabe-se que o erro faz parte do processo de aprendizagem organizacional, porém ele necessita servir de elo para a aprendizagem, precisa servir de estímulo para a procura do acerto.

A interdisciplinaridade na educação integral como proposta metodológica, não é apenas a reorganização metódica de disciplinas e conteúdos, é uma tomada de decisão, face ao problema de aquisição do conhecimento, por parte das pessoas envolvidas no processo educativo, que retoma e reconhece a complexidade problemática do homem no mundo, isto é, dos problemas com os quais enfrentamos, e propõe soluções para que a humanidade possa se expressar em sua plenitude.

O prefixo inter, dentre várias conotações que podemos lhe atribuir, tem o significado de troca, reciprocidade e disciplina, de ensino, instrução, ciência. Logo a interdisciplinaridade pode ser compreendida como um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências - ou melhor, de áreas do conhecimento. (JAPIASSÚ, 1976, p.23)

A atitude interdisciplinar é compreendida como uma tomada de posição face ao problema do conhecimento fragmentado, que professores, alunos e demais pessoas envolvidas no processo educativo devem adquirir. Na junção de conteúdos ou de métodos, na junção de disciplinas ou criação de novos conteúdos, produto dessas junções, quando são realizados encontros entre os profissionais da educação com uma determinada intencionalidade face ao conhecimento proposto, nos quais as parcerias são apontadas como premissa maior da

interdisciplinaridade, já que um educador que a pratica não a faz solitariamente, alguns se mostram resistentes a algumas práticas acabam por não acontecer.

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos. (BRASIL, 2002, p. 34-36)

A adaptação do professor a essa nova proposta, vai depender também da atitude e abertura do professor, de sua disponibilidade em buscar novos conhecimentos e em aceitar e colaborar, participando de projetos em comum, fazendo com que haja a comunicação entre as disciplinas, permitindo que seja observada a relação com a vida real. O professor não pode ficar acomodado, permitindo-se trabalhar com apenas uma proposta de ensino, mas sim ir introduzindo em suas aulas projetos diversificados, um olhar mais atencioso como a proposta está sendo construída.

Esta nova atitude, a interdisciplinaridade, é compreendida como um novo posicionamento perante o problema da aquisição do conhecimento de forma prazerosa por todos os envolvidos, professores, alunos e demais profissionais da escola. Assim essa é, “uma atitude frente a alternativas para conhecer mais e melhor, uma atitude de espera frente aos atos não consumados, uma atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, ao diálogo com os pares ou consigo mesmo, uma atitude de humildade frente à limitação do próprio saber, uma atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, uma atitude de desafio frente ao novo, um desafio em redimensionar o velho, uma atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas nele envolvidas, atitude pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade mas, sobretudo de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida”. (FAZENDA, 1992)

A Educação integral é um conjunto de políticas, que fazem com que a maior parte do tempo das pessoas seja vivenciado por experiências educativas, prazerosas e que provocam aprendizagem. Ela tem que garantir a formação completa do ser humano, ou seja, não vai desenvolver algumas habilidades, mas provocar o desenvolvimento de várias delas. É claro que alguns conteúdos básicos precisam ser mediados com os alunos, principalmente aqueles imprescindíveis para que ele possa, durante toda a vida, obter as referências mínimas para

quando precisar aprender conteúdos específicos. Porém é preciso que todos possam adquirir o gosto em aprender durante toda a vida alicerçando os quatro pilares do saber: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser; aprender a conviver; para que desenvolvam competências e habilidades para resolver problemas, que tenham um projeto de vida e consigam implementá-lo e que pensem, e ajam, em favor de uma sociedade mais justa, sustentável e inclusiva.

A interdisciplinaridade é uma tomada de posição, e não apenas a reorganização metódica de disciplinas e conteúdos, em relação problema do conhecimento, pelas pessoas envolvidas no projeto educativo de reconhecerem que os problemas com os quais nos defrontamos são parte da complexidade de nossa existência no mundo, e que buscam soluções para que se possa situar e estar no nele de maneira inteligente e eficiente.

Em seguida propõe-se uma proposta metodológica com sugestão na implementação da interdisciplinaridade na educação integral, considerando-se que nessa proposta deve haver: (UNA, 2013)

- 1) Uma relação entre os envolvidos no programa de cumplicidade, de reciprocidade, de mutualidade, em regime de colaboração, de interação, que irá possibilitar o diálogo para que as ações possam nutrir-se de intencionalidade;
- 2) Um regime de cooperação que acontece através de trocas entre as disciplinas ou oficinas, visando ao enriquecimento mútuo, para que possam ocorrer trocas de experiências e conhecimento;
- 3) Um movimento recíproco entre teoria e prática, durante o processo ensino/aprendizagem, que favorece a conversação entre a teoria e a atividade profissional e atribuindo sentido aos conteúdos;
- 4) Uma proposição de que o conhecimento não é pronto e acabado, ele está sempre em movimento. Têm-se formas variadas de saberes: tácito, intuitivo, popular, informal, inconsciente, os que são presentes em toda a expressão da vida humana, preservando-se sempre, o olhar científico sobre o fenômeno em estudo, deixando-se dialogar o conhecimento científico e tecnológico;
- 5) Uma concepção do conhecimento complexa e multifacetada em substituição à fragmentada;

- 6) Uma concepção de que o desenvolvimento contínuo das habilidades de leitura e escrita nas diferentes áreas do conhecimento e o desenvolvimento contínuo do raciocínio lógico-matemático são indissociáveis nesse processo;
- 7) Uma concepção de que o processo de construção do conhecimento científico, por meio e estudos em grupo e individualmente, são imprescindíveis.

Essas concepções são desdobradas em ações que viabilizam esse processo para que alcance o sucesso. Alguns conceitos são considerados fundamentais para que os alunos possam, por exemplo, desenvolver senso crítico, capacidade de integrar os conhecimentos outras habilidades/competências essenciais para uma participação efetiva na sociedade. Esses descritores incluem, principalmente: o desenvolvimento dos alunos e a sua formação como sujeitos acadêmicos:

Os **Espaços de aprendizagem**, como a sala de aula e qualquer outro ambiente/espço de aprendizagem, espaços internos como bibliotecas, laboratórios, auditórios, salas de vídeo, refeitório, quadra de esportes, embaixo de uma árvore, espaços de convivência, etc. ou espaços externos como cinema, teatro, museus, empresas, portos, hospitais, postos de saúde, a própria comunidade, etc., devem estimular a experiência, a experimentação e a habilidade de problematizar dos alunos e professores.

A **Autonomia do Aprendiz**, pois o papel ativo dos alunos na construção do conhecimento, em que o processo de aquisição do saber é mais importante que o próprio saber, é um ícone importante nesse processo. Porém, para que se envolvam ativamente nas decisões relacionadas a seu processo de aprendizagem e na implementação dessas decisões, assumindo responsabilidade pela própria aprendizagem e tornando-se mais independentes da ajuda dos professores, os alunos devem, primeiramente, se conscientizar quanto a seus estilos de aprendizagem e desenvolver diferentes estratégias, para possibilitar e melhorá-la e, conseqüentemente, ajudá-los a construir o próprio conhecimento. O professor deve atuar, nesse contexto, como um facilitador da autonomia dos alunos.

O **Trabalho em Equipe**, é outro componente facilitador da autonomia e da auto regulação da aprendizagem, que ocorre a partir de interações significativas, através das quais os indivíduos colaboram na construção do seu conhecimento, assim as interações são a chave para o desenvolvimento social, afetivo e, sobretudo, cognitivo. Trabalhando juntos, os alunos e os professores não compartilham apenas ideias e informações, mas também estilos e estratégias de aprendizagem.

A dúvida maior entre os profissionais é como ensinar relacionando disciplinas. Como não há receita para responder esta questão far-se-á aqui uma breve descrição de como se pode realizar esta tarefa (Alves, 2013):

- Parte-se de um problema de interesse geral e utilizam-se as disciplinas como ferramenta, para compreender detalhes;
- O professor especialista, tem a função de um consultor da turma, tirando dúvidas relativas à sua disciplina;
- Inclui-se no planejamento ideias e sugestões dos alunos;
- O professor de determinada disciplina não deve se intimidar por entrar em outra área que não é do seu total conhecimento;
- Pesquisar com os alunos é fundamental;
- Faz-se o planejamento levando em consideração os conceitos que podem ser explorados por outras disciplinas;
- Levanta-se as discussões nas reuniões pedagógicas, apresentando-se o planejamento anual, para que aconteçam as parcerias;
- Retorna-se sempre ao coordenador, pois ele é peça chave do processo, e percebe as possibilidades de trabalho;
- A interdisciplinaridade não acontece apenas nos grandes projetos, é possível realizá-la entre dois professores ou até mesmo com um só professor, porém a proposta é que todos façam parte dessa ideia.

As práticas interdisciplinares tendem a buscar um conhecimento unitário, onde a integração de todas as disciplinas e a ligação delas com a realidade do aluno tornam o conhecimento real e atrativo, sendo que às vezes o aluno consegue enxergá-la como essencial. (Magalhães, 2013)

2.3 LIMITES E POSSIBILIDADES DESTA METODOLOGIA E DESTA CONCEPÇÃO FRENTE À EDUCAÇÃO ESCOLAR

A educação integral pretende desenvolver os alunos de forma completa, em sua totalidade, sendo muito mais do que o tempo em sala de aula, a educação integral reorganiza espaços e conteúdos, o currículo, a formação de professores e alimentação escolar.

Ampliar o tempo de permanência na escola é um grande desafio, e é preciso pensar também no tempo doméstico da criança, que precisa da convivência com a família para se

desenvolver integralmente, porém para muitas famílias este tempo integral na escola é essencial, pois na sociedade contemporânea todos trabalham, e precisam que essas crianças fiquem em um espaço seguro e se for com aprendizagem, melhor ainda.

Além disso, o turno complementar, oposto ao do horário de estudo da criança, é importante para enriquecer a aprendizagem. No entanto, a existência por si só desse contra turno não significa educação integral, pois não basta oferecer uma variedade de atividades para preencher o tempo dos alunos, elas precisam estar ligadas, estar conectadas, provocando aprendizagem.

Assim apresenta-se a seguir algumas possibilidades de implementação do turno integral interdisciplinar, para que esta metodologia alcance a aprendizagem dos alunos que estão envolvidos (Baseado no modelo desenvolvido em Jundiaí/SP, apresentado na Revista Nova Escola) e, algumas sugestões que se elaborou para pragmatizar o estudo apresentado, partindo princípio que o currículo, a formação dos professores, a merenda escolar e a adaptação do espaço são essenciais para alcançar-se o sucesso desse projeto:

ÁREA	DEFINIÇÃO	METODOLOGIA	ENVOVIDOS	DICAS
Currículo	Essência da escola e no trabalho de rede, é fundamental que as disciplinas conversem o dia todo permeado pela diferentes áreas do conhecimento.	Reuniões com os profissionais, para que se façam adaptações, à realidade da comunidade escolar e garanta a permanência e aprendizagem do aluno.	Secretaria de Educação, profissionais na escola: professores, coordenadores, direção, pais e alunos.	Encontros semanais e sistemáticos entre todos.
Formação dos professores	Essência do sucesso do trabalho interdisciplinar e da educação	Como o período de permanência é de 7 horas e o professor fica 8 horas na escola, nesta 1 hora	Secretaria de Educação, direção, coordenação e profissionais e	Segunda-feira: Planejamento do professor. Terça-feira:

	integral.	diária haverão encontros programados e sistematizados.	professores.	Coordenação com professores. Quarta-feira: Capacitação específica e direcionada. Quinta-feira: Direção, coordenação e professores. Sexta-feira: Coordenadores e professores para planejar a próxima semana.
Alimentação Escolar	Momento em que muitos dos alunos têm as únicas refeições do dia, assim é de fundamental importância.	Cardápios elaborados adequadamente para atender a necessidade nutricional diária de cada aluno.	Secretaria de Educação, cozinheiros, auxiliares de serviços gerais, direção, coordenação, nutricionista, professores e alunos.	1ª refeição: Café da manhã. 2ª refeição: Lanche (fruta) 3ª refeição: almoço 4ª refeição: Lanche reforçado (jantar)
Adaptação do Espaço	Essência do trabalho, lugares onde as atividades irão acontecer de maneira	As salas devem ser organizadas pensando em cada atividade, com salas ambientes	Secretaria de Educação, Direção, coordenação, professores,	Pensar o espaço antes de iniciar o projeto.

	organizada e oferecendo condições para que provoque aprendizado.	para artes, música, inglês, artes marciais, enfim, de acordo com as atividades desenvolvidas no projeto.	alunos e auxiliares de serviços gerais	
--	--	--	--	--

E é por meio do projeto pedagógico que se mobiliza e se oportuniza a oferta de experiências capazes de desenvolver habilidades cognitivas e intelectuais, afetivas, físicas, éticas e sociais. Educar integralmente significa pensar a aprendizagem por inteiro. O projeto da educação integral, deve ser muito bem definido para atender às necessidades dos alunos, necessidades concretas, respeitando a diversidade cultural, com demandas, interesses e repertórios culturais que devem ser reconhecidos.

A cidade onde os alunos vivem pode complementar as lições da sala de aula, o traçado das ruas pode ajudar na aula de geometria; a história do município, da comunidade na aula de história, as placas das ruas nas em língua portuguesa. As árvores, os animais, na aula de ciências e assim sucessivamente. A educação integral deve considerar a cidade onde está inserida, como território educador, propondo a exploração dos espaços e acontecimento como ação educativa, produzindo a aproximação e integração entre os diversos campos do conhecimento: artístico, linguístico, científico, ético, físico, articulados às vivências na escola, na família e na comunidade.

Nesse sentido Moll (2004) afirma que:

... uma educação na perspectiva das cidades educadoras implica que a cidade seja reconhecida como uma grande rede ou malha de espaços pedagógicos formais e informais que, pela intencionalidade de ações desenvolvidas, pode converter-se em território educativo fazendo da cidade uma pedagogia (p. 42).

As pessoas têm respostas diferentes para situações diferentes e com isso constroem a sua cultura, ou seja, os seus hábitos de vida, o que deve ser respeitada, e mais ainda a educação integral deve mostrar isso, mostrar a importância de se respeitar os diferentes estilos de vida, quando se aprende a respeitar a diferença, ela aumenta os horizontes e ficará mais

fácil para unir os alunos e professores num respeito mútuo e num espaço prazeroso de aprendizagem.

É muito importante, portanto, trazer essa experiência, esse capital social e cultural, para a sala de aula, é preciso que esse saber que não se aprende na escola, seja aproveitado na sala de aula. É preciso que a vida em família e a vida escolar sejam irrigadas por relações com as comunidades, os territórios, a cidade, ela precisa se unir a outros espaços socioculturais.

Existe sim aprendizagem fora da sala de aula e em situações do dia a dia, assim não há mais sentido em uma educação trancada na sala de aula. Para um aprendizado integral, deve-se considerar o investimento em outras políticas setoriais, como cultura, esporte, assistência social e meio ambiente, então, educação integral acontece quando está integrada a um projeto que vê a política social como um todo.

O projeto de Educação Integral pressupõe um espaço privilegiado da formação completa do aluno sem, no entanto, considerar-se como o único espaço dessa formação, pois todo espaço frequentado pelo aluno é rico em informações e aquisição do conhecimento. Em outras palavras, a escola, por meio de um planejamento interdisciplinar, pode proporcionar experiências, dentro e fora de seu espaço formal. Nas visitas a museus, parques e idas a outros espaços socioculturais, sempre acompanhadas por profissionais que, intencionalmente, constroem essas possibilidades educativas em outros espaços educativos que se consolidam em um espaço formal de aprendizagens.

Com relação aos professores outras características destacam-se, como o pouco investimento na formação continuada e na atualização assim como o salário pouco valorizado que recebem. Em vista obrigam-se a dobrar seus padrões, seja trabalhando na mesma rede pública municipal, estadual ou na rede particular, em dois ou três períodos, o que faz com que, trabalhando como regente de classe durante 8 ou 12 horas diárias esgota-se rapidamente, e não encontra tempo para estudar e planejar seu trabalho.

Uma política de Educação Integral pressupõe uma consistente valorização profissional, a ser garantida pelos gestores públicos, de modo a permitir dedicação exclusiva e qualificada à educação. Também pressupõe adequação dos espaços físicos e das condições materiais, lúdicas, científicas e tecnológicas a essa nova realidade. A participação dos trabalhadores em educação no debate para formular uma proposta de Educação Integral, com base em tais pressupostos, é marcada pelas negociações para regulamentar o Piso Salarial Nacional Profissional, bem como pela mobilização nacional para que o piso seja operacionalizado. O incremento no financiamento da educação e a ampliação dos investimentos públicos em educação, de modo a alcançar o mínimo de 7% do PIB até 2011, são fundamentais para realizar a valorização dos profissionais da educação e para a qualidade da educação. (BRASIL, 2009, p. 42)

3 CONCLUSÃO

O caminho para se melhorar a educação no Brasil, não está na imediata ampliação da jornada em escolas conservadoras, com espaços inadequados, profissionais despreparados, instituições que ainda praticam a educação bancária, impondo conteúdos aos alunos. Precisa-se adequar esta escola em primeiro lugar. A escola pública atual precisa ser preparada para a função de educar seus alunos, com competência para oferecer e garantir presença e ainda mais a aprendizagem desses alunos.

A educação integral é a possibilidade do exercício da inatividade, das condições de lazer, das relações com a natureza, é a diferença entre cada pessoa ser expectadora dos conteúdos produzidos e ela poder produzir conteúdo, produzir conhecimento, é o exercício de uma cultura de paz, entre tantas outras coisas. E isso tudo não se faz só na escola, mas também fora dela, nos espaços que permeiam a comunidade escolar.

Na perspectiva do sucesso escolar,

Aprender significa estar com os outros, implica acolhida, implica presença física e simbólica, implica ser chamado pelo nome, implica sentir-se parte do grupo, implica processos de colaboração, implica ser olhado. Aquele que é desprezado pelo olhar da professora também o será, de alguma forma, pelos colegas. A partir daí produz-se uma intrincada rede de preconceitos que se dissemina nos conselhos de classe, nas reuniões de professores, nas conversas do recreio, nos encontros com os pais. Pouco a pouco, determinados alunos, que são numerosos no conjunto das escolas, vão ficando de fora, vão sendo rotulados com marcas invisíveis, vão sendo considerados inaptos, incapazes, inoportunos... Se usássemos a metáfora de um trem para pensar a escola, esses seriam aqueles que viajam sentados nos últimos vagões, que, aos poucos, vão descarrilhando. (MOLL, 2004, p. 107)

Quando se trata de interdisciplinaridade na educação integral, não há receitas a seguir, até mesmo, porque ainda é um tema novo no Brasil. Percorrendo os caminhos na busca do sucesso nesse trabalho, devem ser trilhadas metodologias de trabalho pela equipe docente de cada unidade escolar, pois cada uma delas tem suas particularidades. Como ponto de partida, pode-se determinar os problemas escolares compartilhados pelos professores e por sua experiência pedagógica. O destino deve ser determinado pelos objetivos educacionais compartilhados por todos, ou melhor, ainda, pelo projeto político pedagógico da escola que deve constantemente ser atualizado e revisto. E como todo caminho privilegia uma direção em detrimento de outras, os caminhos da interdisciplinaridade na educação integral devem ser trilhados conscientemente, sabendo-se que cada unidade escolar tem suas características e peculiaridades.

A formação interdisciplinar constitui-se uma exigência básica na sociedade contemporânea, devendo ser tomada como um imprescindível dos mais importantes, das novas condições da produção do conhecimento científico, como também das novas condições de ser de estar no mundo em rede, no qual a educação integral deve ser um caminho a ser seguido no Brasil, pois as dimensões econômicas, política e sócio cultural não devem ser dissociados da educação do século XXI.

Todavia, quando consideramos a inserção da interdisciplinaridade na educação integral, percebe-se que ainda há um longo caminho a percorrer e é necessário definir os obstáculos que ainda inviabilizam a plena utilização do planejamento interdisciplinar, bem como, as possibilidades de sua utilização na educação integral.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo André. **Interdisciplinaridade e sua metodologia**. Disponível em: <http://www.slideshare.net/PauloAndre28/interdisciplinaridade-e-sua-metodologia-paulo>.

Acesso em: 18 jul. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC /SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais ensino médio**. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em 24 jul. 2013.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002a.

_____. BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Série Mais Educação - Educação integral: texto referência para debate nacional**. MEC: Brasília, 2009.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Programa Mais Educação**. Passo a passo. Plano de Desenvolvimento da Educação. MEC: Brasília, 2010.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Manual operacional de educação integral**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=11452&Itemid=. Acesso em: 16 jul. 2013.

CÂMARA, Maria Lúcia Botelho. **Interdisciplinaridade e formação de professores na UCG: uma experiência em construção**. Brasília, 1999. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

CAVALIERE, Ana Maria. **Anísio Teixeira e a educação integral**. Rio de Janeiro: 2009

ESCOLA, Revista Nova. **Soluções para o ensino integral**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/solucoes-ensino-integral-697491.shtml>.

Acesso em 17 jul. 2013.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. (org) – **Novos enfoques na pesquisa educacional**. SP: Cortez, 1992.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). São Paulo: Papirus, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

GOERGEN, Pedro L. **Sociedades complexas e formação de professores.** Passo Fundo, 2009.

GUSDORF, Georges. **A agonia da nossa civilização.** São Paulo: Convívio. 1978.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro, Imago, 1976.

_____. **A Questão da Interdisciplinaridade.** Signos. Lajeado : FATES, 1995.
LENOIR, Yves. **Didática e interdisciplinaridade.** Ivani C. A. Fazenda (org). (Coleção Práxis). 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994. 2ª edição

LIMA, Adriel; TEIXEIRA, Francimar. **Obstáculos a superar para implementação da interdisciplinaridade na educação em ciências.** Disponível em: <http://www.foco.fae.ufmg.br/viiienpec/index.php/enpec/viiienpec/paper/viewFile/1705/242>. Acesso em: 29 out. 2012.

MAGALHÃES, Everton Moreira. Interdisciplinaridade: por uma pedagogia não fragmentada. Disponível em: http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/e3_3.pdf. Acesso em: 19 jul. 2013.

MELLO, Guiomar Namó de. **Diretrizes Nacionais para a Organização do Ensino Médio.** Brasília: CNE, 1998.

MOLL, J. **A Cidade Educadora como Possibilidade: apontamentos.** In: CONZATTI, M.; FLORES, M. L. R.; TOLEDO, L. (orgs.). Cidade Educadora: a experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

UNA. Centro Universitário. **Manual do trabalho interdisciplinar dirigido/projeto aplicado.** Belo Horizonte/MG. Disponível em: http://www.una.br/resolucoes/stuff/manual_trabalho_inter_dirigido2012_2.pdf. Acesso em: 18 jul. 2013.